Lavar carro exige padrinho
PÁGINA 19

Jornal de Brasília

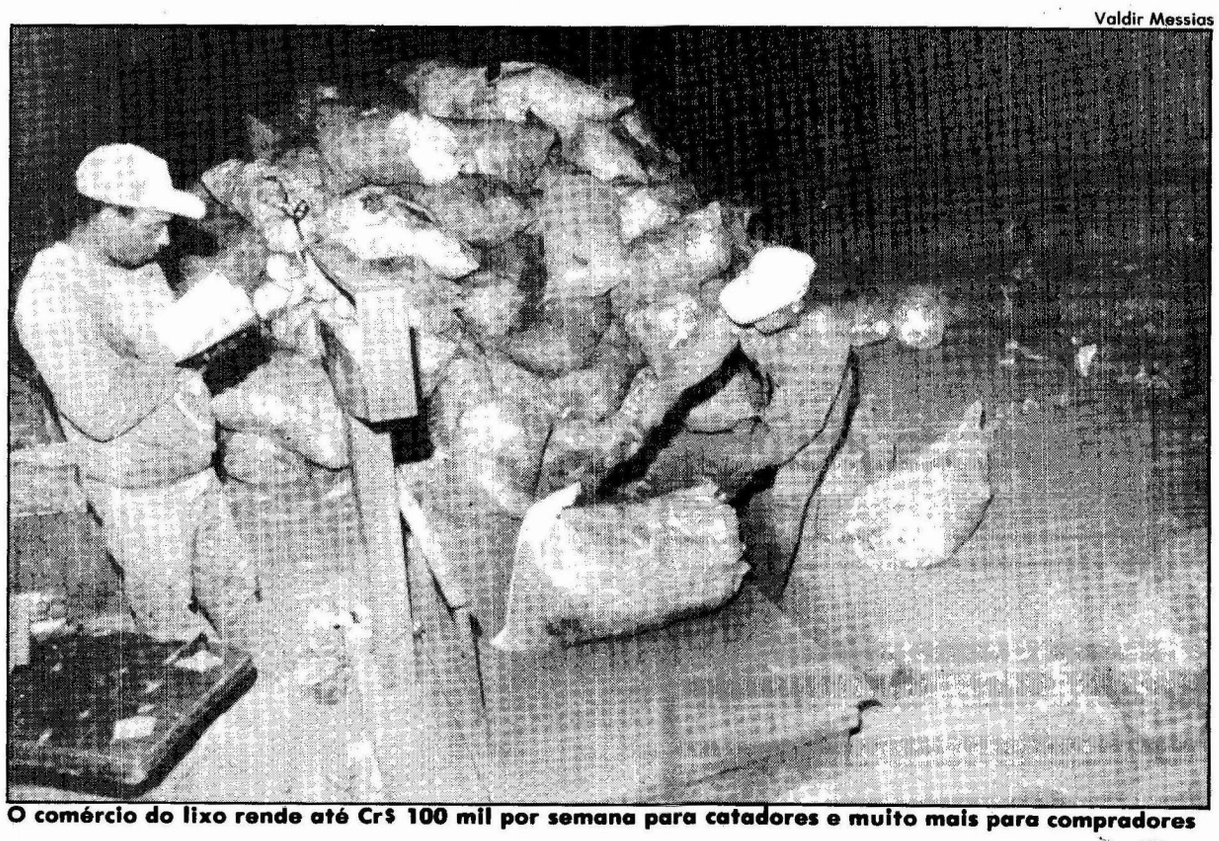
CIDADE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, DOMINGO, 16 DE AGOSTO DE 1992

Sebastião Pedra

Homens e mulheres disputam seus espaços no dia-a-dia da luta pela sobrevivência em meio ao lixo

Valdir Messias



O comércio do lixo rende até Cr$ 100 mil por semana para catadores e muito mais para compradores

Intermediário vira o rei do lixo

Com dois caminhões, o "empresário" responde por 70% dos negócios do Lixão e ganha Cr$10 milhões por mês

VALDECI RODRIGUES

O cenário subumano da labuta diária dos quase mil catadores de lixo no aterro sanitário do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) já produziu a figura de um bem-sucedido intermediário. Amadeu de Jesus, 42 anos, intermedia mais de 70% de todo o material recolhido por homens, mulheres e crianças — de acordo com suas próprias estimativas —, revendendo-o para três empresas de Brasília. Com essa atividade, que ele admite lhe render pelo menos Cr$ 10 milhões por mês, conseguiu comprar dois caminhões, uma Kombi, a casa onde mora em Ceilândia e dois lotes.

Todo final de dia, funcionários seus, entre os quais três dos oito filhos, fazem a pesagem dos fardos contendo papéis, garrafas, plásticos e latas de cerveja e refrigerante. Aglomerados em volta da balança, os catadores esperam a chegada de Amadeu de Jesus para receber a féria do dia. Confiam tanto no intermediário e seus funcionários que não conferem as anotações. À luz de lampiões, aguardam o dinheiro para retornar a seus barracos — grande parte deles em volta do próprio lixão — ansiosos pelo merecido descanso.

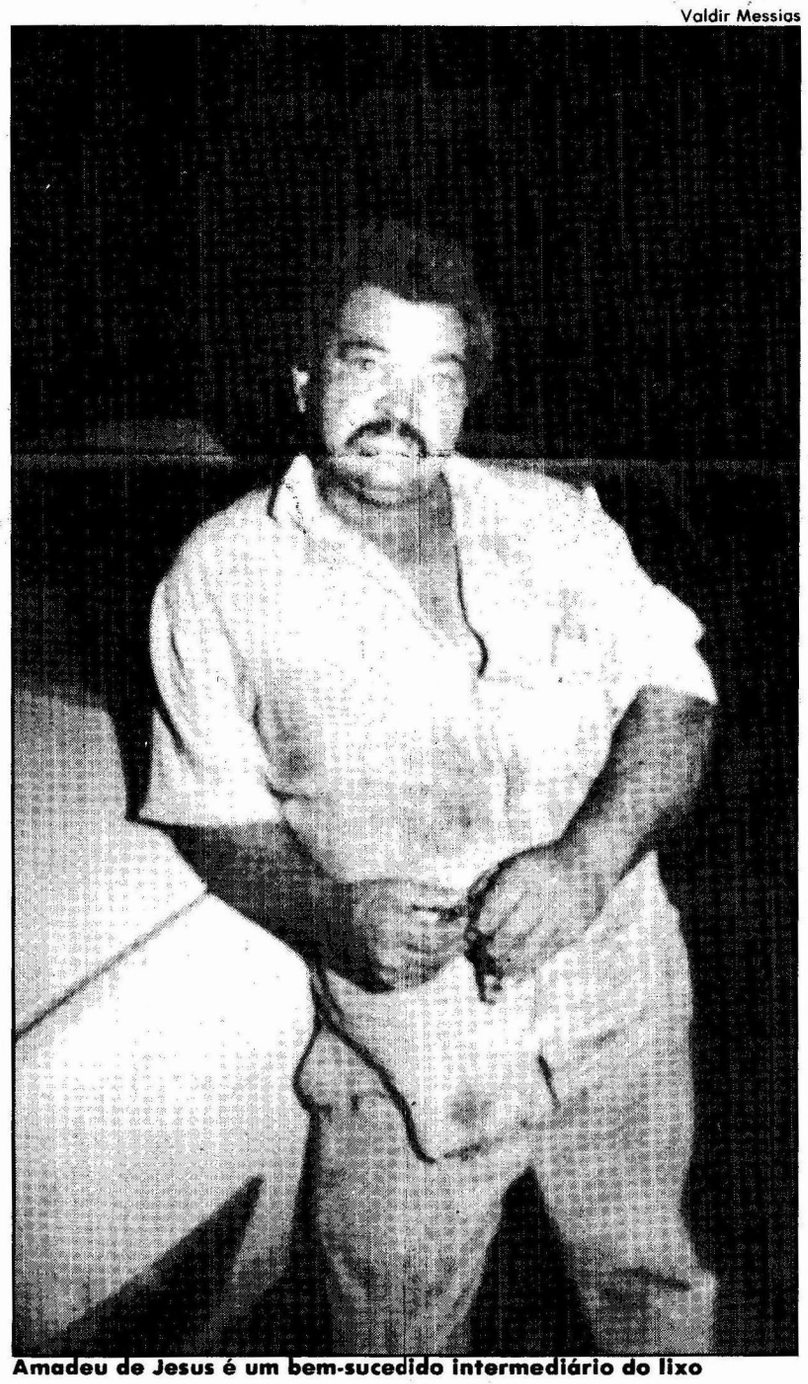
A imprensa nunca é bem-vinda ao local, fétido e infestado de moscas. Aos catadores não interessa qualquer tipo de publicidade em torno de suas vidas; aos intermediários — Amadeu de Jesus diz que existem mais dois — qualquer divulgação sobre seus ganhos pode atrair a cobiça de muita gente. No caso dos catadores, a hostilidade com a imprensa tem motivo mais prosaico. Por serem totalmente discriminados, evitam a todo custo mostrar o rosto para esconder o trabalho que exercem. Mas eles também temem que as autoridades possam impedi-los de trabalhar literalmente atolados no lixo.

Garimpo — Bastante reticente, Amadeu de Jesus acabou se abrindo um pouco com o **Jornal de Brasília.** Para justificar sua situação atual, ele afirma que começou a trabalhar no lixão há mais de 20 anos, como um simples catador. Diz que trabalhou e continua trabalhando muito, por isso pôde adquirir os bens que possui. Garante que a maioria dos catadores lhe vende a coleta do dia porque é honesto e paga na hora, raramente transferindo o pagamento para o dia seguinte.

Outra razão de sua primazia no lixão, segundo o próprio Amadeu de Jesus, é que os outros dois compradores que ele diz existir "só compram no tempo bom". "Não aparecem para comprar em época de chuva, quando isso aqui vira uma lama só", explica. Mesmo não gostando de qualquer publicidade sobre sua atuação, Amadeu de Jesus assegura: "Não tenho medo de perder isso aqui. Se perder vou para a estrada com meus caminhões, comprar lixo noutras cidades".

Amadeu de Jesus se vê como vítima de conflitos de interesses em torno dos lucros gerados pelo lixão. "Só ainda não me tiraram daqui porque as empresas com que trabalho — uma delas é a Novo Rio Papéis — não amoleceram", acredita o intermediador. Ele acha que o lixão é tão atrativo para os catadores porque "se torna um garimpo". A qualquer momento podem encontrar algo de valor.

Valdir Messias



Amadeu de Jesus é um bem-sucedido intermediário do lixo

Lixão reúne mais de 200 famílias

As justificativas para se enfrentar o lixo despejado no aterro sanitário são as mesmas: falta de emprego e baixos salários. Mas o catador de lixo nutre a sensação de ser trabalhador autônomo, senhor de sua própria atividade, apesar de ser e se sentir marginalizado, ao ponto de rejeitar qualquer contato com pessoas "estranhas". Em volta do lixão, já estão "cadastradas" 200 famílias, que constituem um pequeno aglomerado, com bares, igreja e uma escola.

A secretária da Associação Comunitária do Lixão (Ascol), Alice Maria Bezerra, diz que as 200 famílias reúnem cerca de 750 pessoas. Um dos objetivos da Ascol, fundada há um ano, é "ajudar as crianças a saírem do lixo". A escola é mantida por uma voluntária da igreja Assembléia de Deus, conhecida como "irmã Zolete". Alice Maria aproveita para pedir a ajuda de voluntários para trabalhar com as crianças em atividades como teatro, marcenaria, pintura ou cerâmica.

Discriminados pela sociedade, os catadores de lixo se fecham em seu próprio mundo, com exceção dos que residem em outros lugares. Segundo a secretária da Ascol, muitos catadores não saem da comunidade nem nos finais de semana. Sobre a sensação de serem trabalhadores autônomos, Alice Maria conta a história de uma garota que conseguiu um emprego como telefonista. Ao ser repreendida pelo chefe, largou a função, preferindo retornar à liberdade que usufrui no aterro sanitário. (V.R.)

Sematec constrói duas novas usinas

A Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec), que é responsável pelo SLU desde o início do ano, espera extinguir o lixão até o final do governo Roriz. Isso será possível, de acordo com o projeto da secretaria, depois da construção de mais duas usinas de processamento de lixo. As duas existentes, no Plano Piloto e em Ceilândia, só comportam cerca de 40% das 1.200 toneladas de lixo produzidas diariamente em Brasília.

O lixão é o destino de 58% do lixo coletado. Cerca de 2% são incinerados por que são originados nos hospitais. A primeira usina será construída no Gama, onde o GDF prevê a edificação de "casas funcionais" para abrigar 250 catadores de lixo, em forma de cooperativa. "O Projeto Repovoado será uma pequena cidade especializada em reciclagem. Uma cidade para reciclar o que é consumido nas outras satélites", explicou o consultor para limpeza pública da Sematec, engenheiro agrônomo Cícero Bley.

Mesmo sendo contra "informação antecipada" sobre o projeto, Cícero Bley informou que 22 catadores de lixo do lixão receberam um curso sobre cooperativismo. Eles estão sendo preparados para criar uma cooperativa, atrair mais associados e gerir todo o processo de reciclagem da usina do Gama. "A cooperativa vai organizá-los economicamente, sem que sejam explorados por atravessadores", disse.

Cícero Bley argumenta que a cooperativa levará os catadores para a economia formal de Brasília. No lixão, a desconfiança em relação à cooperativa é geral. Os catadores se dizem cansados de promessas governamentais e acham estranho que o presidente da cooperativa, Humberto Luiz da Silva, seja uma pessoa quase "estranha" ao meio. Ex-militar, começou a trabalhar no lixão há pouco mais de um ano.

Eles não mais acreditam na promessa de uma vida melhor. Os interesses em jogo se justificam. "O rendimento é incalculável", diz Amadeu de Jesus. Segundo Cícero Bley, um quilo de plástico vendido a Cr$ 180 pelos catadores pode atingir Cr$ 4 mil 500 depois de transformado em matéria-prima, "numa indústria simples".

Disputa marca vida de catadores

O quadro é deprimente. Quando uma carreta do SLU chega com o lixo no aterro sanitário, grupos de catadores já saem correndo e não largam a carroceria do caminhão enquanto não termina a manobra. Tudo isso para garantir uma melhor posição para puxar os sacos plásticos com ganchos — dois dentes metálicos na ponta de um cabo de madeira —, antes mesmo que lixo caia no chão.

A cena, repetida várias vezes ao dia, reúne antigos e novos catadores, muitos deles filhos de pioneiros na atividade. Um rapaz de corpo atlético informa que tem 21 anos e chegou ao lixão com "15 dias de vida". Nome? Nem pensar. "Saio no final de semana todo bonitinho. Ninguém pode saber que trabalho no lixão", explica.

Justificando sua opção por um trabalho tão repugnante, o rapaz afirma que "dá para desempenhar (ganhar) Cr$ 80 mil por semana". Fazendo comparações, ele diz que "trabalhador de orelha seca" (servente) não consegue ganhar igual a ele. A insalubridade não afeta a saúde? "Aqui só se morre de cachaça", responde.

"Comida com urubu" — "Sou veterano aqui, mas tem mais veterano do que eu", diz Geraldo José da Silva, 31 anos, mais de vinte deles vividos no lixão. "Não queremos que entre mais gente. A Samambaia em peso está aqui dentro", exagera. Geraldo tem três filhos, reside em Samambaia, mas só não está morando nas proximidades do aterro sanitário "porque a mulher não quer".

Na última terça-feira, Tereza da Rocha Siqueira, 39 anos, amamentava um de seus seis filhos sem se preocupar com as moscas e a fedentina. Contou que está no lixão desde janeiro deste ano e que veio de Barro Alto (GO). Lá, ela cortava cana numa usina, "um trabalho ruim demais". No lixão, Tereza ganha cerca de Cr$100 mil por semana.

Todos os catadores são muito indignados com a imprensa "porque diz que a gente come lixo". Com um pouco mais de conversa e descontração, eles se contradizem. "Muita coisa que a gente tira é alimento para a gente. Mas não precisa dizer que disputamos comida com urubu", afirma Manoel Alves Neto, viúvo, pai de dois filhos e às vésperas de se casar novamente. (V.R.)

613 Sul é ponto para o comércio

Os catadores de lixo do antigo aterro sanitário do Plano Piloto ainda resistem na 613 Sul. Se reúnem no local para vender o material coletado em residências e supermercados, puxando carroções de madeira. Alguns possuem carroças à tração animal. "A fome tem a cara feia. Vamos ter que invadir outro lugar", admite Ambrósio Alves do Carmo, conhecido como "Pernambucano".

Pai de quatro filhos, Ambrósio Alves revela que trabalha com lixo há 17 anos, desde que chegou de Pernambuco. "Catamos papel, ferrovelho e sucata", diz, calculando que cerca de 50 pessoas continuavam no local na semana passada, apesar do ultimato dado pela Terracap. "Disseram que o SLU viria limpar isso aqui", contou Ambrósio.

Proprietário de duas carroças com dois cavalos, "Pernambucano" afirma que ganha aproximadamente Cr$ 60 mil por semana. Dorme junto com o material que guarda para vender para vigiar seus animais e não gastar o que ganha com passagens de ida e volta a Samambaia, onde mora. O complemento para a sobrevivência é conseguido com a comida que ganha nos supermercados.

Aos 60 anos, Ambrósio acha que não conseguiria mais ser "fichado" em alguma empresa. Doenças? De jeito nenhum. Rindo, ele diz que "tem vitamina no farelo da lixeira". Acredita que a insalubridade não mata "pobre". "Rico se comer o que nós comemos, morre. Tem o estômago fino", sentencia. (V.R.)

Lixeiras também saciam a fome

Várias pessoas rondam as lixeiras dos Setores Hoteleiros do Plano Piloto e da Ceasa, todos os dias, com outro objetivo: saciar a fome. O servente Marcelino Cardoso dos Santos, 39 anos, vasculhava na última quarta-feira um container do Hotel Fenícia. "Dá para tirar alguns pés e cabeças de galinha. Às vezes aparece uma muxiba aí", disse. Para ele, "depois de bem lavado, é só cozinhar".

Marcelino Cardoso justificou sua peregrinação do Jardim Ingá, em Luziânia, até o lixo do Setor Hoteleiro com a necessidade de alimentar os seis filhos, o mais velho com 12 anos e o mais novo com apenas três meses de vida. "Estou desempregado. Quando trabalho direito, não preciso pegar nada no lixo". A carne cozida que carregava numa caixa de papelão, ele garantia que era a comida para o cachorro.

José Varela, 51 anos, residente "numa chácara na Estrutural", onde trabalha como caseiro, ficou um pouco constrangido ao mostrar o que carregava na garupa da bicicleta. Numa caixa, ele já havia conseguido juntar três litros vazios de pinga Velho Barreiro, cinco laranjas e um pedaço de carne assada.

"Já levei de uma dessas lixeiras um peru inteirinho. Lavei e comi", contou José Varela, que ganha um salário mínimo. "O peru estava bom. Faço isso porque não posso comprar", disse o caseiro. Enquanto falava, ele tirou um pedaço da carne encontrada, segurando-o por alguns instantes. Depois o comeu, displicentemente. (V.R.)